

NARRATIVAS SOBRE EXPERIÊNCIAS DE LEITURA EM UMA CADEIA PÚBLICA FEMININA: FRONTEIRAS BORRADAS

■ ELNI ELISA WILLMS

<http://orcid.org/0000-0002-4693-9027>

Universidade Federal de Mato Grosso

■ CACIONILA JANZKOVSKI CARDOSO

<https://orcid.org/0000-0001-8857-6263>

Universidade Federal de Mato Grosso

■ MILADY DA SILVA OLIVEIRA

<https://orcid.org/0000-0002-5876-8886>

Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO

O texto objetiva analisar percepções de intervenções, cujo mote é a leitura literária, ocorridas em uma Cadeia Pública Feminina, no interior do Projeto de Extensão “Leituras sem grades”, desenvolvido em uma Universidade Federal brasileira. O objetivo do Projeto de Extensão consistia em compartilhar leituras com pessoas reclusas e disponibilizar escuta sensível desencadeada a partir dos textos lidos. Junto à extensão ocorria a pesquisa de caráter participante, de base antropológica, sendo os excertos trazidos para este texto oriundos dos Diários de Campo de duas professoras universitárias que participaram do projeto, escritos em forma de narrativas autobiográficas da experiência vivida. O suporte teórico utilizado neste texto articula perspectivas da literatura (CANDIDO, 2002, 2004; TODOROV, 2014), elementos da filosofia trágica (NIETZSCHE, 2009a; 2009b), reflexões sobre o Outro em pesquisas (AMORIM, 2001) e uma visão socio-histórica do desenvolvimento humano (BRONFENBRENNER, 2005/2011; BARROCO; SUPERTI, 2014). Esse multifacetado campo teórico é trazido pelas professoras que narram a partir de suas inserções epistemológicas. Os resultados mostram que instantes aparentemente banais, mediados pela literatura, afetaram as autoras, fazendo-as refletir sobre o lugar que ocupam como educa-

doras, borrando as fronteiras de disciplinas das ciências humanas para tratar de educação.

Palavras-chave: Literatura. Leitura. Experiência. Trágico. Cadeia feminina.

ABSTRACT

NARRATIVES OF EXPERIENCE OF LECTURE IN A FEMALE PUBLIC PRISON: BLURRED FRONTIERS

The text aims to analyze perceptions of interventions, whose motto is literary reading, occurred in a Women's Public Prison, within the Extension Project "Readings without prison bars", developed at a Brazilian Federal University. The purpose of the Extension Project was to share readings with inmates and provide sensitive listening triggered from the texts read. Along with the extension was the participatory research, of anthropological base, and being the excerpts brought to this text from the Field Diaries of two university professors who participated in the project, written in the form of autobiographical narratives of the lived experience. The theoretical support used in this text articulates perspectives of the literature (CANDIDO, 2002, 2004; TODOROV, 2014), elements of the tragic philosophy (NIETZSCHE, 2009a, 2009b), reflections on the Other in research (AMORIM, 2001) and a socio-historical view of human development (BRONFENBRENNER, 2005/2011; BARROCO; SUPERTI, 2014). This multifaceted theoretical field is brought by the professors who narrate from their epistemological insertions. The results show that apparently banal moments, mediated by the literature, affected the authors, making them reflect on their place as educators, blurring the boundaries of the disciplines of the humanities to address education.

Keywords: Literature. Reading. Experience. Tragic. Female prison.

RESUMEN

NARRATIVAS SOBRE LA EXPERIENCIA DE LECTURA EN UNA CARCEL PÚBLICA FEMENINA: FRONTERAS BORRADAS

El texto tiene como objetivo analizar las percepciones de las intervenciones, cuyo lema es la lectura literaria, ocurrida en una Cadena Pública de Mujeres, dentro del Proyecto de Extensión "Lecturas sin redes", desarrollado en UFMT/Campus Rondonópolis. El propósito del Proyecto de Extensión era compartir lecturas con los reclusos y proporcionar una escucha sensible activada a partir de los textos leídos. Junto con la extensión estuvo la investigación participativa, de base antropológica, y los extractos aportados a este texto provienen de los diarios de campo de dos profesores universitarios que

participaron en el proyecto, escritos en forma de narraciones autobiográficas de la experiencia vivida. El soporte teórico utilizado en este texto articula perspectivas de la literatura (CANDIDO, 2002, 2004; TODOROV, 2014), elementos de la filosofía trágica (NIETZSCHE, 2009a, 2009b), reflexiones sobre el Otro en la investigación (AMORIM, 2001) y un historia del desarrollo humano (BRONFENBRENNER, 2005/2011; BARROCO y SUPERTI, 2014). Este campo teórico multifacético lo traen los maestros que narran a partir de sus inserciones epistemológicas. Los resultados muestran que los momentos aparentemente banales, mediados por la literatura, afectaron a los autores, haciéndolos reflexionar sobre su lugar como educadores, desdibujando los límites de las disciplinas de las humanidades para abordar la educación.

Palabras-clave: Literatura. Lectura. Experiencia. Trágica. Cárcel femenina.

Introdução

*Reter por um pouco coisas que deslizam
leves e sem ruído, instantes.*

(NIETZSCHE, 2009a, p. 45)

O texto objetiva analisar percepções de intervenções, cujo mote é a leitura literária, ocorridas em uma Cadeia Pública Feminina, no interior do Projeto de Extensão “Leituras sem grades”, desenvolvido em uma Universidade Federal brasileira. O Projeto de Extensão “Leituras sem grades” (LSG) 2017, Protocolo SIEX/UFMT 130320171348131397, objetivava oportunizar experiências de leituras – dramatizada, cantada ou narrada – com e para pessoas que se encontravam em instituições de assistência social ou em regime de reclusão. Teve início em 2015, desenvolvido em cinco instituições,¹ contando com a participação de professores e estudantes de diversos cursos da UFMT/Rondonópolis. Junto com a extensão ocorria a pesquisa de caráter participante, de base antropológica, sendo que os excertos trazidos para este texto são oriundos dos Diários de

Campo de duas professoras universitárias que participaram do projeto, escritos em forma de narrativas autobiográficas da experiência vivida na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis. Trata-se, como apontamos na epígrafe, de deixar deslizar “algumas coisas leves e sem ruído, instantes”, alguns sentidos que experimentamos com aquelas mulheres, sendo nós mesmas também mulheres. O que nos une é o fato de sermos professoras com idades e experiências em diferentes campos do saber e, por causa disso, nalguns momentos borramos as fronteiras das disciplinas de nossas procedências para tratar do fenômeno da educação como itinerário de formação (ALMEIDA; FERREIRA-SANTOS, 2011) que, neste caso, se dá fora da sala de aula, em projeto de extensão. Neste texto refletimos, portanto, sobre pesquisa e nosso itinerário de formação junto a mulheres de uma cadeia pública. Não intentamos apontar nada, apenas narrar/refletir a experiência, como forma, quem sabe, de resistir tragicamente às situações limites que enfrentamos.

Narramos de maneira autobiográfica (PASSEI; ABRAHÃO, 2012), ao mobilizar sentidos

1 Casa Esperança Centro; Casa Esperança Chácara; Cadeia Pública Feminina, Centro Socioeducativo; Casa Abrigo Rotativo.

e significados a partir daquilo que nos afetava, pois “é a narrativa que dá uma *história* a nossa vida: nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 94, grifos da autora). A autora concebe o ato de biografar – ou narrar as histórias de si, as histórias vividas – como uma operação cognitiva em que o narrador desenha uma figura de si. Assim, o texto é uma composição de três pessoas que se deixaram afetar pelo vivido, narrando-o de seu jeito. É uma espécie de hermenêutica prática, como diz a autora, essa ação de escrever na tentativa de dar sentido àquilo que nos afeta:

A percepção e o entendimento do seu vivido passam por representações que pressupõem uma *figuração* do curso de sua existência e do lugar que nela pode ocupar uma situação ou acontecimento singular. Essa atividade de *biografização* aparece assim como uma *hermenêutica prática*, um quadro de estruturação e significação da experiência por intermédio do qual o indivíduo atribui-se uma figura no tempo, ou seja, uma *história* que ele reporta a um *si mesmo*. (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 27, grifos da autora)

Como roteiro do texto a seguir apresentaremos o projeto LSG, suas bases teóricas e metodológicas: a perspectiva de literatura que nos amparou, o papel da experiência como produtora de conhecimentos que denominamos trágicos. No segundo e terceiro momentos, reverberam as vozes das experiências de duas professoras participantes do Projeto:² é possível sentir e saber como foram afetadas, singularmente, por tantos acontecimentos e como foram articulando em forma de narrativa o vivido, pequenos instantes

2 Podemos elencar três perfis de participantes do projeto LSG: a) Coordenação; b) Professores da universidade; c) alunos de diferentes cursos. Para este texto trouxemos, como já se disse, as narrativas de duas professoras da universidade.

carregados de potências educativas em tantas áreas. Compreendemos que para tratar da experiência e do que nos aconteceu, segundo aponta Larrosa (2014), precisaríamos do aporte das áreas de fundamentos da educação, e, por isso, assumimos, desde o título do texto, que estamos a borrar fronteiras das disciplinas, ou seja, às vezes nos acode a Antropologia, noutras situações é a Filosofia trágica que consegue dar algum alento; mas também a Psicologia socio-histórica do desenvolvimento comparece para nos aproximar de fenômenos humanos.

Esgota-se no próprio ato de sua realização

Desde 2015, o projeto de extensão LSG propôs-se a levar leitura para pessoas que se encontravam em regime de reclusão, criando, também, um espaço para a escuta que poderia advir dos textos lidos. Como metodologia do Projeto, recomendava-se aos participantes da universidade – professores e estudantes –, que escrevessem um Diário de Campo sobre a experiência vivida.³ Como uma professora aposentada do curso de Pedagogia, que trabalhou a vida inteira com leitura, literatura e alfabetização com os graduandos, enfrentaria a condição de levar leitura e estar atrás das grades com um público tão diferente quanto o das mulheres da cadeia pública? E uma jovem professora do curso de Psicologia, que elementos traria à tona para dialogar com as mulheres de uma instituição de aprisionamento?

O Diário de Campo é uma das estratégias normalmente usadas em pesquisas etnográficas, de base antropológica (LAPLANTINE, 2000). Uma importante referência é o texto clássico de Clifford Geertz (2008). Para Magnani:

3 De acordo com as normas da ética em pesquisa, o Projeto LSG tem autorização para ser desenvolvido na instituição.

O pesquisador não apenas se depara com o significado do arranjo do nativo mas, ao perceber esse significado e se conseguir descrevê-lo nos seus próprios termos, é capaz de apreender essa lógica e incorporá-la de acordo com os padrões de seu próprio aparato intelectual e até mesmo de seu sistema de valores e percepção. [...] Não é a obsessão pelo acúmulo de detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento. (MAGNANI, 2009, p. 134-136)

Esse tem sido o nosso desafio, como professoras: descrever a partir de nossos próprios termos como foi viver a experiência de ler para mulheres aprisionadas. Todorov (2014, p. 32) aponta que o leitor, em geral, busca as obras de literatura para “encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo”. No Projeto, afirmamos com o autor: “hoje, se me pergunto porque amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver [...] ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com as experiências e me permite melhor compreendê-las”, nesse sentido, “a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo” (TODOROV, 2014, p. 23).

Logo, pode ser uma experiência que nos coloca para além das grades – as grades do medo, da ansiedade, da saudade dos familiares, da culpa, do arrependimento, da falta de sentido para a vida, entre outras manifestações tão humanas, comuns a toda gente. Por isso, não saber muito bem o que aconteceria em cada encontro, em cada instituição, era já um itinerário de expor-se, radicalmente, ao acaso e à experiência, tragicamente, como se verá logo a seguir. E assim fizemos por-

que também afirmávamos, seguindo Antonio Candido (2002; 2004), o direito à literatura como um direito humano, pois “a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (CANDIDO, 2004, p. 175).

Dentre as orientações para os executores do Projeto de Extensão, constava não designar que tipo de texto ou leitura cada um poderia levar. Essa decisão deixávamos por conta da experiência de cada um:

O que percebemos é que as pessoas, inicialmente, ficavam inseguras e queriam que nós, os coordenadores, disséssemos COMO e O QUE ler/fazer. Sempre devolvíamos essas inquietações, com coragem, provocando-os: ¡Experimente! ¡Experimente-se! Ouse! Faça a sua tentativa. ¡Se der certo, ótimo! Se não der certo, reavalie, procure-nos, vamos conversar, vamos rever o que pode ser melhorado ou modificado. (WILLMS, 2017, p. 141)

Era essa a nossa aposta: na escolha, amparados em Almeida:

A aposta na escolha é o reconhecimento de que a educação pode valorizar o que é da ordem do ínfimo, do pequeno, da referência pessoal, da conversação, da diversão, do fortuito. E aqui, antes que a pedagogia do furor desfie sua indignação, é importante lembrar que esta aposta não é inteiramente nova, mas repercute o *képos* epicuriano, o jardim onde o filósofo passeava com seus discípulos, em agradáveis conversações sobre a vida, indiferentes aos distúrbios da *pólis*. (ALMEIDA, 2010, p. 61, grifos do autor)

Apostamos que as pessoas pudessem se expor à experiência da autonomia – de escolher o que ler, por quanto tempo, que tipo ou tamanho de texto – e também à experiência do acaso, do não ter controle, do ter que se expor, entre grades, à liberdade possível. Quando assim fazíamos, era em Friedrich Nietzsche

(2009a, 2009b) que nos amparávamos, ao tratar do trágico.

Para o autor, a filosofia trágica pressupõe uma incondicional afirmação da realidade, uma espécie de aprovação exaltada da existência. Júbilo diante do eterno ser e vir a ser. Amar a vida com o máximo de intensidade, que ele designa por *Amor fati*, Amor ao fato, também ao acontecimento banal, cotidiano. O simples fato de nos encontrarmos com as mulheres para fazermos leitura e oferecer escuta, muitas vezes apenas sob a forma de silêncio – uma das expressões do trágico, segundo Almeida (2015) – era a expressão de um acontecimento banal ao qual, no entanto, dedicávamos o máximo de nossas alegrias. Buscávamos as melhores leituras, aquelas de que mais gostávamos, as obras mais aclamadas pela crítica. Contudo, nem sempre, com todo esse cuidado, conseguíamos pleno êxito, pois operavam muitas variáveis, entre elas: a) acontecimentos imediatos do cotidiano da prisão, que deixavam os participantes tensos, em suspenso, como a esperar um desfecho inusitado e fora de controle a qualquer momento; b) a ausência não justificada da maioria dos participantes; c) a suspensão em cima da hora, pela direção da instituição, dos encontros previamente agendados; d) textos considerados por nós maravilhosos e que encontravam pouca ressonância; e) greve dos agentes prisionais, entre outros. Ainda assim, estávamos lá com nossas potências, lidando com as nossas angústias, tragicamente afirmando o projeto e a vida: “a arte suprema do dizer Sim à vida, a tragédia... sem sofrer com isso” (NIETZSCHE, 2009b, p. 62, grifo do autor). Ou, pelo menos, procurávamos não sofrer tanto...

Em “Assim falou Zaratustra” (NIETZSCHE, 2009a), um dos últimos livros do autor, aquele em que talvez ele tenha atingido o ápice de sua filosofia trágica, ao se expressar de maneira ficcional e poética, temos contato com

um modo de expressão artística que enuncia o pensamento trágico, sem dicotomias, pois Nietzsche critica a dicotomia de valores como verdade/ilusão, bem/mal, certo/errado etc.: “não há que desconsiderar nada do que existe, nada é dispensável” (NIETZSCHE, 2009b, p. 45). Para o pensamento trágico, não há busca pela verdade no sentido filosófico clássico, mas o trágico procura pôr em cena um desafio ético que é a expressão do eterno retorno, “o ciclo absoluto e infinitamente repetido de todas as coisas” (NIETZSCHE, 2009b, p. 62): damos conta de afirmar o que foi, é e será, uma vez mais? Para o autor, ser trágico significa a afirmação da existência com toda a sua potência matizada de dores e alegrias. De acordo com Nietzsche, enquanto o pensamento trágico é afirmativo em todas as suas potências, temos o pensamento filosófico racional niilista do fastio, nojo ou náusea pelo humano. Esse pensamento niilista é sufocante, pois nega a vida, e é defendido por aqueles para quem a vida tem valor de nada: os filósofos positivistas e suas correntes de pensamento que alimentam, ideologicamente, as máquinas de guerra.

Quando afirmamos a nossa vida, afirmamos a vida de todas as outras pessoas, **sem julgamento**. Em outras palavras: aceitação incondicional da vida, expressão máxima do trágico, segundo Nietzsche. Trata-se de uma conquista própria do que Nietzsche (2009a) vai designar como *tornar-se aquilo que se é*, e pode ser entendida como uma tarefa educativa, um itinerário de formação, uma escolha:

Sob os auspícios de uma ideologia neoliberal, a educação reduz-se à sua dimensão utilitarista e pragmática, visa à empregabilidade, ao trabalho, ao acúmulo de diplomas, ao desenvolvimento de habilidades e competências, enfim, enclausura-se em seus objetivos econômicos e materiais. De maneira ampla, educa-se para a sociedade do consumo e do trabalho, da compulsão e da produtividade, do estresse e da

competição. Mas a sociedade não se resume a estes aspectos e a educação não se reduz à sua funcionalidade. (ALMEIDA, 2010, p. 48)

Neste atual momento histórico de crise mundial, que aprofunda cada vez mais as diferenças econômicas, sociais e humanas (BAUMAN, 2001; LARROSA; SKLIAR, 2001), especialmente de ameaça à democracia, momento de contatos culturais diversos, mais do que nunca, cabe-nos afirmar a vida como tarefa educativa. Cuidar da vida de cada ser humano. Rever em que ponto estamos sendo violentos, acusadores e destruidores – muitas vezes, nos relacionamentos cotidianos – e reverter essas atitudes para posturas afirmativas da vida, pelo exercício da alegria e da aceitação do outro, sem julgamento, já que a vida é, para Nietzsche (2009a), precisamente esse movimento incessante de interpretação, valoração ou criação de sentido. Trata-se, portanto, de uma escolha. Criar um sentido singular para nossa experiência única de existir, por meio das pequenas escolhas que se nos impõem cotidianamente, tal como nos apresenta Almeida:

Enfim, a filosofia trágica opõe-se aos intentos de uma filosofia metafísica ou moral, porque entende que a bondade e a maldade, a necessidade e a liberdade, o sentido e o sem sentido, as ideias e as ideologias são objetos da metafísica e da moral, portanto, estão distantes de expressar algum aspecto do real; mais claramente, são estratégias para evitá-lo. (ALMEIDA, 2015, p. 70)

Aquelas mulheres reais que tínhamos diante de nós, com suas cargas existenciais, com todas as suas situações limite, como poderíamos abordá-las? Negando-as como vida (excluindo-as) ou afirmando-as (aceitação incondicional)? Nós fizemos a escolha de afirmá-las. Aceitando-as. Do jeito que se mostravam. Sobretudo oferecendo nossa escuta e também nosso silêncio. Cantando ou lendo para elas. Ouvindo-as, partilhando com cuidado nossas

próprias vidas, pois também nos educávamos ao nos expormos a toda essa experiência de fazer um itinerário de formação fora da sala de aula, no âmbito de um projeto de extensão:

[...] pois a noção de formação aqui empregada é similar a educar-se, ou seja, processo em que o educando aprende a conviver com o outro no exercício da própria convivência, em que responde pelas próprias escolhas, em que se insere nas culturas que permeiam sua existência, em que busca conhecer e aplicar seu conhecimento na escrita de sua trajetória, no que se chama muito genericamente de vida, mas que não deixa de ter sua força filosófica, antropológica. (ALMEIDA; FERREIRA-SANTOS, 2011, p. 8)

Afirmar incondicionalmente a vida. Sempre. E uma vez mais. Diante da nossa finitude ou da existência das mulheres encarceradas, o que fazer? Afirmar a existência levando para elas o que de melhor tínhamos: nossas leituras, um pouco de afeto e alegria, quem sabe, além de oferecer escuta. Isso era a experiência e a vivência do pensamento trágico! Sem julgamento se aquilo que fazíamos estava certo, se era o melhor a ser feito, se daria resultado ou que espécie de resultado. Não queríamos medir, não tínhamos como controlar, sobretudo, não queríamos controlar nada:

É necessário insistir nisto: a não-ação não é passiva. Emprega outra estratégia em relação às pessoas e às coisas. Não segue, unicamente, a *via recta* da razão, de inegável eficácia, mas de vista curta; toma a via, mais complexa, própria das paixões, das emoções, de que está carregada a existência humana. (MAFFESOLI, 2003, p. 80, grifo do autor)

Apenas afirmar a existência nossa e delas, por meio da vivência potente de alguns instantes efêmeros, a deslizar por entre ruídos de ferros sendo batidos à nossa entrada, no calor sufocante de uma cela, lendo e escutando, entre mulheres. Assim, algumas experiências foram narradas.

Fiquei, deveras, emocionada com isso⁴...

Uma experiência como esta, com forte apelo antropológico e filosófico, nos impulsiona a pensar a relação com o outro (da pesquisa) e a escrita dessa relação. Bem ou mal, entramos em outro mundo, repleto de códigos, no qual lidamos com estrangeiros/as.

Amorim (2001), ao discutir a questão do texto nas Ciências Humanas e como o Outro é representado neste texto, apresenta figuras de alteridade, baseada em Vernant (1985). Este autor sugere três figuras míticas gregas que davam inteligibilidade ao acontecimento da alteridade: Górgona, Dionísio e Artêmis. Amorim (2001) propõe utilizar essas figuras para o entendimento de diferentes situações ocorridas na pesquisa, situações essas que podem ser excludentes ou concomitantes: alteridade extrema, alteridade próxima e alteridade que se submete à categorização.

Como vivenciamos estas camadas de alteridade durante nossa experiência? Como as pensamos, agora, durante a escrita deste texto? As anotações de nossos Diários de Campo, mais à frente explicitadas, sugerem alguns momentos fugazes, por nós vividos, entrelaçados por um Nós e por um Outro, que procurávamos desvendar e escutar/acolher.

Iniciaremos com a alteridade próxima. Para Vernant (1985 apud AMORIM, 2001, p. 52), a figura de Dionísio representa “a alteridade próxima [...] que, no interior da própria vida, nos desenraiza de nossa experiência cotidiana, do curso normal das coisas, e de nós mesmos”. Dionísio é Deus nômade e sempre se apresenta com a máscara de estrangeiro, mas essa condição de estrangeiro designa certa proxi-

midade. Não é um bárbaro com língua ininteligível. “Dionísio é a alteridade que ronda do interior; ele encarna menos uma potência da ordem do ‘poder sobre os outros’ do que ‘a capacidade que se tem em si’. Ele dispõe a cena onde se fará reconhecer” (VERNANT, 1985 apud AMORIM, 2001, p. 53, grifos da autora).

As reflexões sobre o início da experiência evidenciam que estávamos a entrar em terreno estrangeiro. Parece preponderar a alteridade dionisiana, uma alteridade próxima, que nos desenraiza do conhecido e de nós mesmos:

Calma... Tenho que aprender a lidar com o inusitado! Mais de três décadas exercendo o magistério, indo para as aulas com tudo muito bem pensado, sob controle. E agora? Curiosamente, me lembrei de um sonho (ou pesadelo) recorrente. Sonho que estou indo para dar uma aula e não sei quem são os alunos, não sei o que irei falar, não tenho nada planejado. No sonho, tento me conformar dizendo: com o que eu sei, posso iniciar uma conversa sobre vários assuntos (penso na alfabetização, leitura e escrita, ensino da língua materna), mas isso nunca me acalma. Acordo meio em pânico. Pois chegou a hora de vivenciar o pesadelo: vou amanhã para um lugar onde nunca estive: atrás das grades. Que a literatura me salve!!! (CARDOSO, Diário de Campo, 25/05/17)

Quem é esse Outro? Estamos no limite, na fronteira, vamos adentrar o seu país:

Batemos no portão e fomos atendidas. Entramos. Meu coração acelerado. Passamos pelos protocolos: deixar os documentos, as bolsas, revista no material. Enfim, entramos no bloco das celas, acompanhadas da agente prisional armada. Chegamos à sala. Passamos uma primeira grade, que se fechou com estrondo, para ficarmos numa espécie de *hall*. Vi que a outra grade era rosa-bebê (não sei a cor da primeira) e me emocionei. Tentativa de humanizar a barbárie? Adentramos a sala de aula. Alunas em mesas enfileiradas, professora à frente, quadro de giz, prateleiras com livros didáticos, armários no outro lado e, ao fundo, uma parede pintada de rosa bem forte. Ao alto desta (cerca de 4 metros), duas pequenas janelas com grades. Nove mulheres olhavam para nós, além da pro-

4 Dada a natureza deste texto, escrito a seis mãos, utilizamos, deliberadamente, ora a primeira pessoa do plural, ora a primeira pessoa do singular, lançando mão desta última sempre que tratamos de experiências e impressões individuais e relatos oriundos de nossos Diários de Campo.

fessora de geografia [...]. (CARDOSO, Diário de Campo, 26/05/17)

Como sugere Amorim (2001), Dionísio corresponderia à alteridade que não se submete a um trabalho teórico-conceitual, mas se expressa pela experiência interior vivida na situação de pesquisa. Essa dimensão só pode ser reconhecida por quem viveu a experiência. Em um processo de tateio, de coração disparado, a cena está posta, entre o conhecido de uma sala de aula e a interrogação de um devir que terá que ser construído participativamente.

Já a figura de Artêmis não remete, como Dionísio, a uma estranheza familiar. Artêmis é divindade de origem bárbara, mas é ela que funda a polis grega, pois “representa a capacidade implícita em uma cultura de integrar aquilo que lhe é estrangeira”. [...] habitando as fronteiras, garante demarcação e interpenetração entre as diferenças, sem apagá-las e, com isso, “todos aqueles que eram, de início, diferentes, opostos e mesmo inimigos, poderão ter uma vida comum no contexto de um grupo unido” (AMORIM, 2001, p. 53).

Para a autora, na atividade de pesquisa, Artêmis seria a alteridade que se consegue elaborar, representar, traduzir. É a dimensão da alteridade que se submete à conceitualização. Artêmis é, portanto, a deusa da ciência e da produção de conhecimento, no que concerne à relação com o outro.

No interior da sala/cela, aos poucos, o Outro que fomos encontrar adquire rosto e evidência comportamentos que reverberam sobre nossa própria postura:

Arrumamos a sala em roda. Dissemos o que fomos fazer e nos apresentamos: Carvalho, Lignum, Cerejeira, Teca. E elas: Bétula, Abeto, Bordo, Pinho, Álamo, Rosarinho, Choupo, Azevinho, Nogueira.⁵ De minha parte, tensão e mui-

5 Tendo em vista a não identificação, todas as participantes são nomeadas por codinomes de madeira de lei, aquela “que cupim não rói”, conforme diz a música de Capiba.

ta expectativa. Cerejeira inicia com a leitura de uma lenda de criação do mundo por mulheres. Hum, bem propícia! Teca emenda com “Como as mulheres dominaram o mundo” (L. F. Verissimo). Rimos todas. Paulatinamente, fomos nos descontraíndo. Eu procurava ler as faces, os corpos. Havia quem estava bem conectada; outras, nem tanto. [...] Após uma leitura de Lignum sobre uma formiguinha, elas começaram a falar de bichos e medo de bichos. Várias contam histórias. Eu confessei meu medo de cachorro. Risos e mais risos. A essas alturas o ambiente estava muito descontraído. Bétula pegou um livro e com ele ficou muito tempo. De repente, pediu para ler (que momento bom!!!). Mais tarde, leu, em forma de jogral, com Teca, outro texto do mesmo livro. (CARDOSO, Diário de Campo, 26/05/17)

E assim começava uma aventura feita de instantes. Neste momento em que nos propomos a narrar e, portanto, sistematizar nossas impressões, nossas vivências, interrogando o conteúdo dos Diários de Campo, suas potencialidades, mas também suas armadilhas e tentações, parece que nos valem da alteridade representada por Artêmis, ou seja, aquela que nos permite elaborar, representar, traduzir.

Traduzimos, pois, alguns **instantes potentes**, assim por nós considerados, entendidos como aqueles nos quais preponderou um bem-estar, algo de criativo, um sentimento de conexão. Desse modo podem ser considerados os instantes em que rimos juntas, em que uma cena, um olhar, uma palavra emocionou a maioria, algo que fez pensar, que marcou, que cativou.

Ainda no primeiro encontro, em meio às leituras e comentários:

Um passarinho pousa na grade da [alta] janela, cantando muito alto, enquanto Cerejeira lê sobre pássaros. Que lindo! Aparece outro passarinho, fazendo festa. A professora da turma, Ipê, diz que um deles vem toda manhã e provoca ainda: que notícia boa ele veio trazer hoje? Sorrisos, olhares esperançosos e sofridos. (CARDOSO, Diário de Campo, 26/05/17)

Foi surpreendente refletir que a simples presença de um pardal pudesse provocar um instante de tão profundo conforto para um grupo relativamente grande de mulheres, que neste momento se miravam e tentavam se conhecer. Metáfora da liberdade, os pardais trouxeram alegria, leveza e proximidade.

Desde o primeiro encontro, a música que compõe o leque de gêneros englobados na literatura, segundo a perspectiva de Candido (2002), foi nossa aliada. Nos primeiros encontros, o grupo contou com a presença de Cerejeira, que toca pandeiro e animava as rodas de canto. Todas as participantes gostavam muito de cantar. A seguir, um fragmento que revela um momento em que atravessamos as fronteiras do conhecimento e da língua:

Após o lanche, fui para a parte mais corajosa. Tinha ensaiado a música “*Non, je ne regrette rien*”, mas sou desafinada e minha voz de professora, desgastada, falha constantemente. Perguntei se elas sabiam quem era Edith Piaf. Ninguém tinha ouvido falar [...]. Conteí resumidamente a história da grande cantora francesa, ressaltando sua capacidade de cair e levantar, de recomeçar. Depois cantei, em francês, as duas primeiras estrofes e declamei, em português, o poema todo da música. Senti que elas gostaram. Disse que elas precisavam ver Maria Bethânia fazendo isso. Ao final, ficaram repetindo: não... non..., em arremedo de canto. Eu ri e disse, então vamos cantar. Treinamos cada verso e, de forma bem simples, eu as vi cantando:

*Non, rien de rien
Non, je ne regrette rien
Ni le bien qu'on m'a fait
Ni le mal - tout ça m'est bien égal!*

Fiquei, deveras, emocionada com isso... (CARDOSO, Diário de Campo, 17/08/17)

Emoção explicada por me perceber como mediadora, apresentando-lhes uma música que faz parte da cultura universal. Edith Piaf, depois de tanto tempo e de tantas plateias seletas, naquele momento cantava numa cadeia

para mulheres, talvez, tão atormentadas quanto ela.

Em um dado momento, resolvemos propor a confecção da boneca Abayomi.⁶ Neste dia, fomos ao encontro de Carvalho, Lignum e Jatobá. Estiveram presentes Álamo, Plátano, Mogno, Jacarandá, Cumaru, Nogueira e Azevinho. Após algumas leituras e comentários, contei a história da boneca de pano feita pelas mães nos navios negreiros e li um pequeno histórico. Percebi que a história da Abayomi as tocou. Depois, distribuimos o material que levamos já cortado, pois não poderíamos depender de tesouras, e começamos a dar os nós e dar forma às bonecas. Algumas quiseram fazer duas bonecas, para presentear amigas, que ali não estavam. Durante a oficina:

Todas conversavam alegremente e trocavam impressões sobre suas bonecas. Depois de feitos os corpos, foram escolher entre as diversas cores e padrões de malhas para os vestidos, saias e blusas. Brincavam, embalavam, tratavam com tanto carinho aqueles pedaços de panos que foi inevitável ver nelas as mesmas crianças de séculos atrás, presas e com destino incerto. Enquanto elas trabalhavam, li alguns versos de Navio Negreiro, de Castro Alves, e novamente me emocionei muito. (CARDOSO, Diário de Campo, 23/11/17)

A leitura de trechos de “Navio Negreiro” para mulheres reclusas, em uma sala apertada, com pouca ventilação, completada pela confecção de Abayomis, literalmente, transportou-me para o interior do navio e da poesia: “Era um sonho dantesco... o tombadilho”; “São mulheres desgraçadas, Como Agar o foi também. Que sedentas, alquebradas, De longe... bem longe vêm....”.

Relatamos alguns instantes potentes, entendidos como momentos bastante significativos em nossa interação com as recuperandas,

⁶ Pequena boneca preta, sem traços, cuja origem remonta aos navios negreiros. Era feita com pedaços das saias das mulheres, para alegrar suas filhas.

mediados por literatura e escuta, que trouxeram leveza, criatividade e reflexão. No entanto, muitos outros instantes, igualmente potentes, trouxeram ansiedade, angústia, tristeza, desencontro, medo, mas, também, reflexão. Por exemplo, textos que remetiam à infância, trouxeram mais de uma vez lembranças tristes, depoimentos emocionantes de uma negação da infância. Na ocasião que lemos “Minhas férias, pula uma linha, parágrafo” (GRIBEL, 1999), os comentários foram muitos e giraram em torno de escola, de castigos, de palmatória e de crianças danadas. Entre as conversas, chamou a atenção (mais uma vez!) o relato de Mogno, uma recuperanda cheia de energia, líder e que já havia dito, em outro dia, que não tivera infância:

Elle disse que seu irmão chegava em casa machucado, com galo na cabeça, de tanto apanhar da professora (sic!). Um dia, ela disse para ele levar um canivete e quando a professora fosse bater, furar ela. (CARDOSO, Diário de Campo, 17/08/17)

Não estávamos ali para julgar, mas para ouvir. O relato, no entanto, pegou-me desprevenida, e um comportamento professoral emergiu em um comentário: argumentei que “furar a professora” só traria mais violência. Mogno concordou e esclareceu que, na época, ela também era criança. E, assim, a sociedade, a escola, o contexto social vai constituindo certa infância, marcada por experiências muito negativas, influenciando naquilo que as crianças serão.

Por fim, para Vernant (1985 apud AMORIM, 2001, p. 51-52), “A máscara de Górgona traduz a alteridade extrema. É o horror daquilo que é absolutamente outro, o indizível, o impensável. [...] A face de Górgona é o Outro, o nosso duplo, o horror de uma alteridade radical com a qual nos identificamos ao nos petrificarmos”.

Em certo encontro, logo que chegamos, fomos avisadas que só havia duas recuperandas

na sala de aula. Mantivemos o encontro assim mesmo, apesar de sentir que os agentes preferiam que ele não ocorresse. Na sala-cela fomos bem recebidas pela professora Ipê e, na verdade, três delas: Rosarinho, Célamo e Plátano. Arrumamos a sala e sentamos sem pressa. Ficamos ali um pouco, conversando trivialidades. Inicialmente, senti que poderia ser um dia mais produtivo, mais solto, pois nosso passarinho já havia aparecido na janela, cantando alegremente. No entanto, o clima estava esquisito. Havia muitas pancadas de ferros nas grades, barulhos que assustavam e deixavam o coração em suspenso. O trabalho foi se desenvolvendo, com leituras e comentários:

Vamos caminhando, falando um pouco em sobressaltos devido ao clima: há algo explícito – os barulhos -, mas há algo cifrado – as ausências, os olhares, a tensão, a fala da professora Ipê: “Hoje, só por Deus!” [...] Cerejeira propõe cantar Trem das onze. Vamos cantando, mas o barulho se torna ensurdecedor. Sinto-me como um dos músicos do Titanic, o navio está afundando e nós cantando em meio ao caos. Sinto muito medo... Vai dando a hora e perguntamos a elas o que querem que a gente traga para o próximo encontro. Elas falam em músicas de Henrique e Juliano e Jorge Mateus e Pixote (?). Também disseram gostar de quebra-cabeça, igual ao que eu havia levado naquele dia. Prometemos trazer. Na rua, respiro aliviada. As pernas tremem. (CARDOSO, Diário de Campo, 08/07/17)

Górgona representa o nível de alteridade absoluta da atividade de pesquisa: “tudo aquilo que ultrapassa a possibilidade de representação, seja no pavor ou no fascínio, pelo fato de ser tão radicalmente outro que rompe com todos os dispositivos de percepção do pesquisador” (AMORIM, 2001, p. 57). Naquele dia experimentei um pouco do horror do que ocorre atrás das grades e descobri em mim uma grande fragilidade.

Os três níveis de alteridade fizeram-se presentes e se mesclaram em muitos de nossos “instantes”, aqui narrados. Tais níveis serão

recuperados e aprofundados no momento que se segue, em percepções e reflexões, nas quais ganha destaque a figura da mulher.

O desafio de construir vínculos ou relações possíveis

Neste trabalho nos propusemos a trazer narrativas autobiográficas como participantes de um projeto de extensão em uma cadeia feminina. Narra agora uma jovem professora e psicóloga, incursionando pela primeira vez no contexto prisional, acompanhada de colegas de trabalho mais experientes, e munida da arte como ferramenta.

Abraçar o acaso, diante de experiências tão novas, em um contexto duro, com a presença de um Outro tão outro, configura-se como um grande desafio. Exigiu de todas nós autonomia e coragem e ofereceu-nos, em troca, liberdade e valorização da nossa bagagem pessoal. Mas vários questionamentos sobressaltaram-me durante esse processo: quão distinto é esse Outro? Estariam “elas” tão distante de mim assim? Como seria vivenciar essa experiência de alteridade? Quais recursos eu teria ou ativaria nesse processo? As figuras de Górgona, Dionísio e Artêmis, anteriormente apresentadas, podem me auxiliar na expressão de minhas interpretações sobre as experiências deste Projeto. Saliento que ao vivenciar essas experiências uma ferramenta foi especialmente importante: a música. Também sobre esta dedicarei, posteriormente, algumas reflexões.

Como Artêmis, durante a confecção das narrativas e deste texto, empenho-me em elaborar e traduzir a experiência vivida, dialogando com a minha bagagem teórica e pessoal, submetendo os registros da minha memória à experiência do trabalho de interpretação e conceitualização. O exercício da narrativa – cunho etnográfico –, apesar de nunca ser fácil, proporciona um momento de síntese sem

igual. Nele elaboramos relações entre a riqueza do presente vivido, a herança intelectual e afetiva do passado e o vislumbre de possibilidades no futuro.

A figura de Górgona ajuda-me a admitir que, com certeza, muitos aspectos daquela realidade me passaram despercebidos. Era a minha primeira incursão no contexto prisional e as características próprias de uma instituição totalizante, punitiva (FOUCAULT, 1987), simbolicamente representativa da crueldade com que a sociedade vê as pessoas que andam à sua margem, estão duramente presentes, penetrando as ações que o “LSG” busca viabilizar nesse espaço. Honestamente, meus registros abarcam aquilo que minha percepção foi capaz de apreender e que, existindo um nível de alteridade absoluta, outros elementos fugiram da minha capacidade de abstração.

Havendo considerado os níveis de alteridade que permeamos neste Projeto, trago alguns pontos de reflexão que se sobressaíram nos registros da experiência vivida.

“Ela lembrou”: a importância do vínculo e as relações possíveis

Apesar do conceito de *vínculo* ser caro para a Psicologia e protagonista de muitas divergências teóricas, ele será tratado aqui no seu sentido mais popular: como aquilo que une, que liga. Passeando pelos meus Diários de Campo, percebo uma regularidade nas referências ao vínculo, desde o primeiro até o último diário utilizado como fonte de dados empíricos para este trabalho. No início, como uma preocupação, como o trecho a seguir ilustra:

Devo relatar que senti certa frustração nesse primeiro encontro, mas de modo algum devido à participação das mulheres. Assim como eu esperava, elas estavam um tanto quanto quietas, com exceção de três que eram mais falantes e se destacavam cantando e falando mais que as outras. O encontro inteiro foi assim: umas

três que se destacavam e o resto cantava baixinho, conversava baixinho... Não quero passar a impressão de que elas eram tímidas, pois não acho que seja o caso. Acho que faltou **conexão** e vem daí a minha frustração. [...] Mas, de qualquer forma, estou animada para o próximo encontro, pois acredito no potencial do projeto e no que ainda podemos fazer com esse grupo. A frustração não foi suficiente para fazer desanimar! (OLIVEIRA, Diário de Campo, 25/05/2017)

Neste excerto, a ideia de vínculo aparece registrada no que chamei de *conexão* e é possível observar a preocupação com a falta de conexão que se apresentou no primeiro encontro. Parto do princípio de que não é possível realizar um trabalho significativo sem que haja uma conexão entre os membros participantes. Considerando os pressupostos da Abordagem Bioecológica, de Urie Bronfenbrenner (2005/2011), o desenvolvimento humano acontece e é potencializado no interior de relações em que exista afeto, reciprocidade e equilíbrio de poder. Levei comigo toda a minha bagagem teórica e é isso que justifica a minha insistência em buscar relações com as mulheres presentes: a afirmação de que só através de uma boa vinculação com as participantes nossa ação naquele contexto teria maior efetividade. Outro fator profundamente relacionado com o desenvolvimento humano a partir da abordagem citada é o *tempo*. Para que o desenvolvimento aconteça é preciso que haja uma regularidade das atividades no tempo. Assim, é compreensível que o primeiro encontro não tenha proporcionado uma “conexão instantânea”. Além disso, as mulheres ali presas estão acostumadas a lidar com uma lógica de relações completamente diferente, seja com as(os) agentes penitenciários, as professoras ou entre si. Nossa proposta era completamente distinta e, de início, sem sentido para elas. Seria necessário ter paciência.

Logo no segundo encontro, contudo, já pude observar uma mudança na direção da

vinculação, como pode ser visto no trecho a seguir:

[...] no primeiro encontro uma das jovens me pediu que tocasse uma música que eu não sabia tocar, mas prometi aprender para a próxima vez que viéssemos. Quando disse que tinha trazido a música que ela me pediu, foi encantador ver a feição de surpresa e de felicidade no rosto dela. De relance, percebi uma dizendo a outra: “ela lembrou”. (OLIVEIRA, Diário de Campo, 06/06/2017)

O fato de ter me lembrado da música perdida pareceu ter significado para ela que nós nos importávamos com elas, que as ouvimos, as vemos e validamos seus desejos, na medida do que nos é possível. Para mim, representou um pequeno passo em direção à vinculação. Isso permitiria que as informações por nós levadas, as discussões provocadas tivessem outro impacto nessas mulheres. Era importante que elas gostassem do que nós estivéssemos fazendo ali. Assim sendo, “Ela lembrou” ficou marcado em mim como a concretização sintética da importância dos pequenos gestos de afeto e reciprocidade para a criação de relacionamentos interpessoais saudáveis e significativos.

Na introdução desta seção mencionei que o intuito era o de construir *relações possíveis*. Isso foi devido a um alerta que me foi feito no início do Projeto por uma colega de trabalho: que o que nós faríamos ali era levar literatura, música, compartilhar do nosso arsenal cultural humano, mas que nós não estávamos ali para ser “amiguinhas” delas. Isso me gerou desconforto. Obviamente, não foi porque eu quisesse construir com elas esse tipo de relação. Era claro que a distinção de papéis entre nós e elas, o lugar de onde cada uma falava, a regularidade com a qual nos víamos e o compromisso que tínhamos com elas não eram características de uma relação de amizade. Esta necessita de uma horizontalidade na relação. Elas não eram nossos pares, isso entendi logo.

O incômodo atravessou-me porque, a princípio, minha colega não entendeu o tipo de vínculo que eu estava propondo. Como já expliciti acima, o vínculo buscado era a liga que nos aproximaria o suficiente para encontrarmos nelas a disponibilidade necessária para tornar nosso trabalho efetivo. Não era ser “amiguinha”. Era, dentro de um trabalho profissional, reconhecer a dignidade e o valor do Outro e demonstrar isso nos gestos e nas palavras.

“Relacionamento de malandra e malandro”: o feminino, o “mundo do crime” e os relacionamentos afetivo-sexuais

Em diversos momentos, as mulheres usavam uma expressão que nos diferenciava enquanto grupo: elas eram do “mundo do crime”. Esse rótulo trazia a marca da vivência de um contexto e um cotidiano que nós absolutamente desconhecemos. As gírias, as músicas, o modo de se relacionar. Não raro elas diziam: “Ah, professora, mas no mundo do crime de onde a gente vem...”, e essa frase pontuava as diferenças antropológicas entre o nosso mundo e o mundo delas.

Em certo encontro, o assunto dos relacionamentos amorosos veio à tona e gerou discussões interessantes. Um dos tópicos dizia da preferência pelos *malandros*, os homens com os quais se relacionavam no “mundo do crime”. De forma divertida, explicaram que a predileção pela “malandragem” se dava pela “pegada” que os malandros tinham, ou seja, pela forma de tocar, de beijar, de fazer sexo – que era mais prazerosa para elas que a do “homem de bem”, os homens trabalhadores. Segundo elas, seria por isso que elas, mesmo sabendo das consequências negativas que se relacionar com esse perfil de homem traria para elas, as escolhiam usualmente como parceiros afetivo-sexuais. Chamou-me a atenção a ressalva

feita por uma delas de que, mesmo que elas quisessem se relacionar com os “homens de bem”, sempre haveria a preocupação de que eles descobrissem o passado delas de envolvimento com o crime e, às vezes, também com a prostituição. A possibilidade de falar a verdade desde o início do relacionamento foi levantada, mas a resposta foi rápida: dessa forma o relacionamento nem existiria.

Nesse ponto elas falaram sobre o preconceito contra quem já esteve na prisão, demonstrando a existência de um ciclo difícil de se romper... Por um lado, esse é o universo que elas conhecem e que gostam. Ali dentro da cadeia, elas percebem as consequências de uma vida como a delas, mas aparentemente têm muita dificuldade de enxergar uma forma alternativa de viver. Pois quando saem dali, enfrentam a visão de uma sociedade que não vê além do rótulo de ex-presidiária. O espaço de vida que elas encontram é o espaço da criminalidade. Conhecido, familiar, com aparência de inevitável. (OLIVEIRA, Diário de Campo, 05/12/2017 – “Memórias póstumas”)

Várias mulheres relatam que seu encarceramento foi devido a um crime cometido pelo envolvimento com um parceiro ou filho que cometeu atos infracionais. Contudo, devo salientar que, ao destacar esse fato, não quero dizer que as mulheres sejam incapazes de realizar crimes por outros motivos e que apenas estão sob a influência de um outro – geralmente, masculino. Até mesmo no aparato judicial costuma-se ver a mulher como portadora de uma *natureza dócil* que a impediria de praticar crimes graves, especialmente atentados contra a vida (CIARALLO; GALINKIN, 2010). As próprias mulheres da cadeia reconheciam seu papel ativo nesse processo e percebiam as escolhas que haviam feito. Estudos indicam que a maioria das brasileiras presas foram indícia-

7 O relato do Diário de Campo deste dia teve o título de Memórias Póstumas, em referência ao livro de Machado de Assis, expressando o sentimento da pesquisadora pelo fim/morte do projeto.

das por envolvimento com drogas, seja por dependência química ou tráfico, e relacionadas a um companheiro que as envolvia no crime (SALMASSO, 2004; DAVIM; LIMA, 2016).

Outro aspecto relevante durante a conversa foi a violência doméstica. Ela apareceu rapidamente e as mulheres não quiseram falar muito sobre isso. Inicialmente, a violência doméstica surgiu a partir da frase: “no relacionamento entre malandro e malandra rola porrada”. Parece haver certa igualdade quando a questão é dita dessa forma, mas pela dinâmica da violência doméstica, sabe-se que esta relação não é igualitária. Um exemplo disso é quando elas falam da infidelidade como algo frequente nos seus relacionamentos. Para a professora presente na sala⁸ aquele dia, os homens traem mais que as mulheres. As mulheres presas riram e debocharam: “A senhora acha que a gente não dá o troco?” Todavia, ficou claro que não era um “troco” do qual elas poderiam se vangloriar, pois se os parceiros ficassem sabendo, eles as matariam. Uma das mulheres presentes disse que no seu relacionamento com um “malandro”, ela não batia, só apanhava, e que a cadeia tinha sido, para ela, uma saída. Ali ela estava livre da violência do parceiro e estava passando pela desintoxicação. Percebemos, ao ouvir esses relatos, que as relações afetivo-sexuais que elas narraram estão marcadas por ações de violência e posse, onde há risco de morte pelas mãos dos próprios parceiros e também do contexto em que elas estão inseridas. Essa conversa me deu espaço para várias indagações com elas sobre o que, em um relacionamento, é saudável e o que não é, que outras possibilidades de se relacionar e de viver são possíveis.

O assunto dos relacionamentos abusivos também apareceu em outra oportunidade. Eu aproveitei para trazer um trecho do livro “O

⁸ Os encontros de leitura aconteciam na sala de aula formal da cadeia feminina, sempre com a presença da professora regular da sala.

paraíso são os outros”, de Valter Hugo Mãe. Esse livro contém como eu lírico uma menina, que fala sobre a família dela, o amor e outras coisas a partir de sua ótica. Como são trechos curtos, pedi que uma das mulheres lesse um dos capítulos e foi muito interessante perceber como a leitura contribuiu para fomentar a discussão daquele dia:

Todos esses assuntos foram comentados repletos de exemplos da vida delas. Uma delas me surpreendeu quando disse: “Quando o homem quer, ele não liga pra essas coisas. Meu marido mesmo me tirou da zona!” [...] A partir daí falamos sobre o que consideramos ser um tratamento respeitoso para com a mulher, falamos de relações sexuais com consentimento, entre outras coisas. Eu até falei sobre o “estupro conjugal”, que é quando existem relações sexuais forçadas mesmo dentro de uma relação conjugal. Esse momento foi muito rico e eu me permiti falar sobre a forma como eu realmente penso sobre essas questões, como por exemplo, que eu entendo que existem outras configurações de relacionamento para além das relações monogâmicas, mas que tudo precisa ser conversado e acordado entre as pessoas envolvidas. E, é claro, destaquei a palavra-chave “consentimento”. (OLIVEIRA, Diário de Campo, 22/06/2017)

Assim foram os encontros: ora discutíamos temas incitados pela leitura, ora a literatura era utilizada para salientar aspectos do que estava sendo discutido. Dessa forma, podemos perceber a riqueza do conteúdo dos encontros e das oportunidades de conversarmos com aquelas mulheres sobre assuntos tão delicados, de forma espontânea. É importante ressaltar que esses assuntos só surgiram por haver um bom nível de vinculação entre as participantes e a equipe.

“Não dá pra sobreviver na cadeia sem música”

Se para Todorov (2014) a explicação sobre seu amor pela literatura é porque esta o “ajuda a

viver”, acredito que o mesmo possa ser dito da música pois, como apontamos anteriormente, assim como Candido (2002), consideramos que a própria música esteja incluída no rol de gêneros abarcados pela literatura. De fato, diversas vezes utilizamos letras de música, declamávamos a letra antes de cantá-la e ouvíamos: “Essa música é uma poesia!”

No contexto desta cadeia feminina, a música era parte vital do cotidiano das mulheres, representava seu prazer, sua alegria, seu lamento, sua esperança, seu desabafo. As músicas que elas gostavam passavam pelo gênero sertanejo (as “sofrências” que as faziam lembrar dos relacionamentos amorosos), pelos funks (que as lembravam das festas), pelos RAPs (os quais trazem com frequência em sua letra a descrição do cotidiano que elas conhecem) e também pelas músicas religiosas, que representavam um alento para algumas delas.

Ao analisar a maneira como a música era tratada naquele contexto, pudemos observar a existência de um cerceamento a essa forma de expressão. As mulheres nos relataram que os agentes penitenciários se incomodam quando elas cantam certas músicas (especialmente as que remetem ao crime e às drogas). Se for música religiosa, o mesmo não acontece. A cadeia, como instituição totalizante, busca expurgar a singularidade das pessoas presas ali. Seus protocolos e regras enclausuram as pessoas em um formato único conforme a sua classificação (presas ou servidores), buscando a disciplinarização daqueles corpos, mas não apenas deles. Dominando o corpo, busca-se o domínio da subjetividade. “Se elas dobram o short, elas [as agentes] implicam, se elas fazem qualquer coisa diferente com a camiseta, elas implicam e – o mais assustador para mim – se elas cantam, elas implicam!” (OLIVEIRA, Diário de Campo, 22/06/2017). Todavia, a proibição do canto é coerente com a postura e os objetivos da instituição.

O canto é a manifestação da música que se faz com a voz, com o corpo, e historicamente associada ao feminino: “Aquilo que canta num ‘homem’ não é ele, é ela”, citação da escritora francesa Cixous, trazida por Cavarero em seu livro “Vozes plurais: filosofia da expressão vocal” (2011 apud IRLANDINI, 2015). Essa forma de arte é também forma de expressão de ideias, é veículo para a manifestação de diversos sentimentos, é prazer, é energia vital. É voz. É expressão de subjetividade, portanto. Todos esses aspectos são renegados nessas instituições. Ao longo da história da humanidade, muitas vezes as mulheres foram associadas ao pecado, ao desvio da razão, por serem vistas como seres de “natureza passional, emotiva”. Se o canto faz parte do universo feminino, também ele passa a ser pecaminoso e inadequado. Assim, o prazer do canto deve ser evitado. Faz parte do projeto de disciplinarização.

Entretanto, foi permitida à equipe do projeto “LSG” a entrada na instituição com instrumentos musicais, mais frequentemente um violão. Poderia isso significar uma abertura da instituição a outros projetos de conduta ou teríamos nós escapado pelas brechas do sistema? O ato de cantar revelou-se extremamente potente. A música afetava as mulheres de forma distinta da leitura. Elas se engajavam, se aproximavam, tinham a oportunidade de ouvir suas próprias vozes ecoarem para além das paredes da sala de aula onde estávamos. Uma pluralidade de vozes singulares arranjadas em um emaranhado que as tornavam uma voz coletiva que ressoava mais alto que os sons das grades. Ousaria dizer que seria esse um ato até mesmo político, no sentido de que essas vozes dizem de um sujeito, localizado no tempo e no espaço que coletivamente (mas não em uníssono) se fazem ouvir. Como Irlandini (2015, p. 2-3) nos apresenta em sua resenha do trabalho de Cavarero: “A esfera política emerge na comunicação estabelecida pela pluralidade de

vozes singulares corpóreas, que não são discursos abstratos desencarnados, mas que se efetivam nas vozes singulares que se relacionam e que são sempre parte de um corpo”.

Um episódio que ilustra essa questão ocorreu no dia em que elas compartilharam a proibição do canto com a equipe e nós usamos uma parte do nosso encontro para nos entregarmos ao prazer de cantar. A última música cantada foi uma que elas pediram no encontro anterior, chamada “Por enquanto”, de autoria de Renato Russo, mas popularmente conhecida pela interpretação de Cássia Eller:

Para quem não se recorda, a música diz: “Mudaram as estações, nada mudou. Mas eu sei que alguma coisa aconteceu. Tá tudo assim, tão diferente... Se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar que tudo era pra sempre, sem saber que o pra sempre, sempre acaba? [...] Mesmo com tantos motivos pra deixar tudo como está, nem desistir, nem tentar... Agora tanto faz. Estamos indo de volta pra casa.” Cantamos mais de uma vez, com a voz delas ficando mais forte à medida que iam se familiarizando com a letra da música. Foi lindo. (OLIVEIRA, Diário de Campo, 22/06/2017)

A letra dizia “Estamos indo de volta pra casa”, enquanto, na verdade, elas não voltariam. Pelo menos, não naquele dia. Por isso me pareceu que o que elas cantavam era um desejo. E a força com que cantaram é a força não só desse desejo, mas dessa singularidade que lhes pertence e se esforçam para não perder, embora todo o resto de seu cotidiano busque moldá-las, padronizá-las, discipliná-las. Calá-las.

Além de ter a oportunidade de vivenciar a potência da música no canto das mulheres, saliento que a divulgação de outros estilos musicais também se mostrou rica durante a experiência, pois levávamos músicas que fugiam dos estilos que elas estavam acostumadas, que falavam de temas que considerávamos interessantes e/ou que compunham o nosso repertório musical pessoal, que também bus-

cávamos compartilhar. Era a alteridade mostrando-se frutífera para o aprendizado e o enriquecimento pessoal, tanto para elas quanto para nós:

Uma das mulheres disse que elas não costumam ouvir essas músicas, não porque elas não gostam, mas porque não têm o hábito de escutá-las nos lugares de onde elas vêm (o “mundo do crime”, como algumas se referem). E porque nas rádios só tocam mesmo sertanejo. [...] Essa pequena fala me garantiu o propósito desse Projeto: ajudá-las a abrir e explorar novos mundos, enquanto nós nos surpreendemos com as revelações que elas fazem do mundo delas. (OLIVEIRA, Diário de Campo, 22/06/2017)

“A vida resiste na voz que canta”, disse eu em um dos Diários de Campo (05/12/2017), indo ao encontro da fala de uma das mulheres: “Não dá pra sobreviver na cadeia sem música”. Arte e vida estão indubitavelmente relacionadas, às vezes com fronteiras quase borradas...

Conclui-se o quê?

Tivemos como objetivo analisar percepções de intervenções, cujo mote é a leitura literária, ocorridas em uma Cadeia Pública Feminina, no interior do Projeto de Extensão “Leituras sem grades”, desenvolvido na UFMT/Campus de Rondonópolis. Para tanto, as narrativas autobiográficas, oriundas do Diário de Campo, subsidiaram as reflexões que, por sua vez, buscaram suporte teórico em nossos campos epistemológicos.

Ao criar ou apropriar-se de algumas manifestações culturais, entre elas a arte sob a forma de literatura e música, no caso deste artigo, percebemos que as pessoas formam e desenvolvem as suas funções psíquicas superiores, aquelas que propriamente nos caracterizam como humanos, como afirma a perspectiva vigotskiana (BARROCO; SUPERTI, 2014). Tornar-se humano é um trabalho que precisa ser feito por todos e se realiza com a apropriação dos

produtos culturais através das relações de alteridade. A arte é um dos frutos mais elevados que a humanidade produziu através de seu trabalho, mas também é ferramenta de construção da própria humanidade, como esclarecem as autoras. Trata-se de um movimento dialético e também de afirmação da existência e da vida. Assim, ao compartilharmos composições artísticas distintas daquelas que as mulheres da cadeia conhecem, não estávamos utilizando a arte como ferramenta com um fim pedagógico. Nós utilizamos a arte como um fim em si mesma ou, citando novamente Maffesoli (2003), como na introdução deste texto, “a experiência estética esgota-se no próprio ato de sua realização”. Ou seja, ela cumpre com sua função formativa do humano, ainda que não tenha sido usada com esse propósito. Corroboramos a ideia de Candido (2002) sobre a literatura como um direito humano fundamental e ampliamos essa concepção para a arte como um todo, especificamente para a música, uma das fontes de experiência que nos instigou neste texto. Desse modo, compreendemos que ao levar música e literatura para aquelas mulheres nós as auxiliamos a ter acesso a um arsenal cultural humano que lhes pertence por direito.

E nós, como professoras, pudemos compreender que existe um itinerário de formação para além da sala de aula da Universidade e que, por meio de um projeto de extensão, é possível ampliar horizontes daqueles que não têm acesso ao ensino superior. Assim, a atitude de levarmos leitura e oferecermos escuta revelou-se altamente potente. A cada encontro saíamos da cadeia com outras perspectivas sobre o que é ser humano, sobre nossos limites acadêmicos e profissionais, mas também sobre algumas possibilidades, ao levar o que tínhamos para oferecer a elas. O fato de não podermos controlar todo o processo se, por um lado, nos deixava vulneráveis, por ou-

tro lado, fazia com que tivéssemos que nos reinventar a cada encontro. Não lidávamos com situações pedagógicas comuns, mas com mulheres fragilizadas e abandonadas por um sistema opressor – a sociedade. Isso nos obrigou a repensar métodos de abordagem, reinventar práticas de leitura que se distanciassem das práticas escolares e, sobretudo, a repensar a condição humana na qual tanto nós, como as mulheres detentas, estamos inseridas.

Referências

- ALMEIDA, Rogério de. Educação contemporânea: a sociedade autolimpante, o sujeito obsoleto e a aposta na escolha. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 20, n. 34, p. 47-64, jan./jun. 2010.
- ALMEIDA, Rogério de. **O mundo, os homens e suas obras**: filosofia trágica e pedagogia da escolha. 2015. 204 f. Tese de livre docência. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- ALMEIDA, Rogério de; FERREIRA-SANTOS, Marcos. (Orgs). **O cinema como itinerário de formação**. São Paulo: Kêpos, 2011.
- AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa Editora, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BARROCO, Sonia Mari Shima; SUPERTI, Tatiane. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 22-31, 2014.
- BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: ArtMed, 2011. (Originalmente publicado em 2005)
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: _____. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. p. 77-92
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

- CAPIBA, Lourenço da Fonseca Barbosa. **Madeira de lei que cupim não rói**, 1963. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/capiba/174179>>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- CARDOSO, Cancionila Janzkovski. Diário de Campo. Acervo do Projeto de Extensão “Leituras sem grades”, 2017.
- CIARALLO, Cynthia R. C. A.; GALINKIN, Ana Lúcia. Mulheres, representações e justiça: contribuições para o debate. In: GALINKIN, Ana Lúcia; SANTOS, Claudie-ne. (Orgs.). **Gênero e psicologia social: interfaces**. Brasília, DF: TechnoPolitik, 2010. p. 485-504.
- DAVIM, Brenda Karolina Guedes; LIMA, Cátia Santos. Criminalidade feminina: desestabilidade familiar e as várias faces do abandono. **Revista Transgressões: ciências criminais em debate**, Natal, v. 4, n. 2, p.138-157, nov. 2016.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 27.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GRIBEL, Christiane. **Minhas férias, pula uma linha, parágrafo**. São Paulo: Editora Salamandra, 1999.
- IRLANDINI, Isabella. Por uma ontologia plural de vozes singulares: o embate de Adriana Cavarero com a metafísica. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p.269-287 jan./abr. 2015.
- LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- LARROSA, Jorge. SKLIAR, Carlos. (Orgs.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MÃE, Valter Hugo. **O paraíso são os outros**. Porto: Porto Editora, 2014.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e como experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.
- MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.
- MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dioniso: contribuição a uma sociologia da orgia**. São Paulo: Zouk, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2009a.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b.
- OLIVEIRA, Milady da Silva. Diário de Campo. Acervo do Projeto de Extensão “Leituras sem grades”, 2017.
- PASSEGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena M. (Orgs.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Tomo II. Salvador: EDUNEB, 2012.
- RUSSO, Renato. Por enquanto. In: Legião Urbana. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, faixa 11, 1985.
- SALMASSO, Rita de Cássia. Criminalidade e condição feminina: estudo de caso das mulheres criminosas e presidiárias de Marília - SP. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 4, n. 3. Marília, p.16-31, 2004.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 5. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.
- VERNANT, J-P. **La mot dans les yeux – Figures de l’au-tre dans la Grèce Ancienne**. Paris: Hachete, 1985.
- WILLMS, Elni Elisa. Narrativas potentes do projeto de extensão “Leituras sem grades”. In: CARDONA, Ana Cecília Osorio; CAMARGO, Mercedes Rodríguez; ALMEIDA, Rogério de. **Red de educación contemporánea en Latinoamérica: tendencias latinoamericanas en investigación**. Bogotá: Universidad La Gran Colombia, 2017. p. 135-164.

Recebido em: 31.07.2019
Aprovado em: 05.09.2019

Elni Elisa Willms é Doutora em Educação, pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da UFMT, Campus de Rondonópolis. Membro dos Grupos de Pesquisa Lab_Arte (Laboratório Experimental de Arte-Educação & Cultura); do GEIFEC (Grupo de Estudos sobre Itinerários de Formação em Educação e Cultura), ambos da FE-USP e GEIJC (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Juventude e Cultura Contemporânea, da UFMT/CUR). e-mail: elnielisaw@gmail.com

Avenida Inglaterra, 274. Jardim Europa, Rondonópolis, MT. CEP: 78735-808. Telefone: (66) 9 8127 9633.

Cancionila Janzkovski Cardoso é Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Titular (Aposentada) da UFMT. Pesquisa: alfabetização e letramento, história da alfabetização, cartilhas escolares e memórias de professoras. É coordenadora do Grupo de Pesquisa ALFALE – Alfabetização e Letramento Escolar. e-mail: kjc.cardoso@gmail.com

Av. Raimundo de Matos, 3093. Santa Cruz. Rondonópolis, MT. CEP: 78.700-350.
Telefone: (66) 99984-1068.

Milady da Silva Oliveira é mestra em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2016), vinculada ao Centro de Estudos Psicológicos – CEP-Rua. Professora substituta no curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, campus de Rondonópolis (2016-2018). Atualmente atua como Psicóloga da Prefeitura Municipal de Nova Mutum, MT, lotada na Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social. e-mail: miladysoliveira@gmail.com

Rua dos Cedros, 212-W, apto. 107, Centro, Nova Mutum, MT. CEP: 78450-000 Telefone: (65) 99699 1730.